

Rubem Braga

CONSELHOS DE QUARESMA

O RA, estamos na Quaresma — e tudo o que aconselho aos fiéis de tôdas as crenças é orar, e orar muito. O Brasil precisa. Quem sabe se depois de uma temporada de orações êsse pessoal todo não chegará ao Domingo da Páscoa com a alma mais contente, mais calma e mais limpinha?

Precisamos tomar cuidado. Tenho visto coisas estranhas. E sabido de outras. Meu amigo Mário Cabral fêz 50 anos, coisa que nunca tinha feito antes. Assisti a um temporal com vento nordeste; não gostei; uma das raras coisas em que eu tinha confiança era o vento nordeste, um companheiro de infância — sempre alegre, sadio, amigo de céu azul e de sol louro.

Confesso que me sinto meio confuso e razoavelmente temeroso. Procuro a companhia de Di Cavalcânti, que dá sorte. Êle me conta a história de um parente velho, que tinha a mania de ir a enterros. Quando êle chegava em casa, um outro parente ainda mais velho, que já não saía, perguntava: — “E então, que tal?” E êle, com um gesto meio desanimado: “Fracó. Um chilique só.”

Acho que vou começar a freqüentar enterros. É bom a gente ir-se habituando para o dia em que tiver de fazer o papel principal.

Hoje de manhã, na praia, apareceu um homem com uniforme de contínuo de algum Ministério e uma pasta na mão. Era um senhor de 55 anos presumíveis, bigodes quase completamente brancos, e aparência geral boa: o uniforme limpinho e bem passado, a pasta nova. Caminhou pela areia. Deteve-se junto ao mar e ficou olhando. Por um momento pensei que êle tivesse alguma coisa a ver com um casal que se banhava ali, pensei numa tragédia, êle tirando uma garrucha da pasta... É engraçado, pensei exatamente assim — uma garrucha — e não um revólver; êle tinha a cara, a idade e o jeito de uma pessoa que usa uma garrucha de prefe-

rência a um revólver, uma carabina de preferência a uma espingarda, e que, em todo caso, jamais usaria uma pistola ou qualquer arma automática. Em resumo: a ser um assassino seria um bom assassino honesto, à antiga. Estas reflexões estou fazendo agora; no momento apenas fiquei na expectativa. Êle teria trazido a garrucha? Levam um tiro na praia, sem roupa, pode ser a mesma coisa que levar um tiro com paletó e camisa, mas a verdade é que na praia a gente se sente menos protegido.

Aproximei-me do homem, como por acaso. Êle tinha a cara plácida. O casal saiu da água, passou ali perto sem lhe prestar a menor atenção, nem êle ao casal. O homem apenas olhava o mar. Em sua pasta deviam dormir alguns ofícios do diretor tal ao diretor tal, mas com a experiência de trinta anos de burocracia êle sabia que os ofícios podem esperar um pouco. Estava apenas olhando o mar, pisando com suas botinas (usava botinas, não sapatos) a areia úmida. Sim, tinha uma cara afável. Em certo momento uma língua de espuma ameaçou atingir suas botinas. Êle recuou em um pequeno salto para a areia sêca; acredito que notei em seu rosto um vago sorriso infantil. E foi-se embora, atravessando lentamente o areal até a calçada.

No meio dessa confusão tôda em que vai o País acho que aquêle homem é bom elemento e fêz um gesto útil. Senhores deputados, ministros e generais, segui o exemplo daquele senhor: olhai o mar. Faz bem. E como estamos na Quaresma, orai. Orai por nós: pelo velho contínuo que talvez gostasse de ser pescador, pelo velho pescador que talvez sonhe com um lugar de contínuo; por vós mesmos, pelos pecados de vossas palavras — e, se fôr possível, um pouquinho também por Di Cavalcânti e por mim, pois somos homens às vêzes errados e inconseqüentes, porém, no fundo, dois velhos bons. Eu, principalmente.

M 465 - 18.3.61

RN 121
DN 16.4.57
FLU, março 82
Cineiro do Povo 6/3/83